

"Manter a qualidade do best-seller *Cleópatra* e *Frankenstein* não deveria ser fácil, mas *As irmãs Blue* atrai imediatamente." — *Stylist*



Autora de *Cleópatra* e *Frankenstein*, best-seller do *The Sunday Times*

**COCO MELLORS**

# As irmãs Blue

# **As irmãs Blue**

**COCO MELLORS**

Tradução Dinaura Julles



Copyright © 2024 by Coco Mellors

Título original: Blue Sisters

Tradução para Língua Portuguesa © 2024 Dinaura Julles

Todos os direitos reservados à Astral Cultural e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

**Editora** Natália Ortega

**Editora de arte** Tâmizi Ribeiro

**Produção editorial** Andressa Ciniciato, Brendha Rodrigues e Thais Taldivo

**Preparação de texto** Alexandre Magalhães

**Revisão** João Rodrigues, Fernanda Costa, Pedro Siqueira e Carlos César da Silva

**Capa** Jo Thomson

**Pintura da capa** To the Lighthouse © Gill Button, óleo sobre tela, 2017

**Adaptação da capa** Tâmizi Ribeiro

**Foto da autora** © Zoe Potkin

**Livro digital** Lucas Camargo

Conteúdo sensível: Este livro contém cenas de uso de drogas, morte por overdose, alcoolismo e ideação suicida, que podem desencadear gatilhos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

M483i Mellors, Coco

As irmãs Blue [livro eletrônico] / Coco Mellors ; tradução de Dinaura Julles. — Bauru, SP: Astral Cultural, 2024.

1.8 Mb ; ePUB

ISBN 978-65-5566-501-7 (e-book)

Título original: Blue Sisters

1. Ficção inglesa I. Título II. Julles, Dinaura

24-1337

CDD 823

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção inglesa

BAURU

Rua Joaquim Anacleto  
Bueno, 1-42  
Jardim Contorno  
CEP: 17047-281  
Telefone: (14) 3879-3877

SÃO PAULO  
Rua Augusta, 101  
Sala 1812, 18º andar  
Consolação  
CEP: 01305-000  
Telefone: (11) 3048-2900

E-mail: [contato@astralcultural.com.br](mailto:contato@astralcultural.com.br)

*Para Daisy, por estar presente desde o princípio.*

*E para Henry, por prometer ficar até o fim.*

# Prólogo

Uma irmã não é uma amiga. Quem poderia explicar o impulso de pegar uma relação tão primordial e complexa, como é a fraterna, e reduzi-la a algo tão substituível e banal como uma amizade? No entanto, essa condição é utilizada frequentemente com o sentido de maior intimidade. *Minha mãe é minha melhor amiga. Meu marido é meu melhor amigo.* Não. A verdadeira irmandade, do tipo em que suas unhas cresceram no mesmo útero e vocês foram empurradas aos gritos por canais de nascimento idênticos, não é igual à amizade. Vocês não se escolhem, e não há o período furtivo de se conhecerem. Vocês fazem parte uma da outra desde o início. Observe um cordão umbilical — resistente, sinuoso, feio e, no entanto, essencial — e compare-o com uma pulseira da amizade tecida com fios vistosos. *Essa é a diferença entre uma irmã e uma amiga.*

A mais velha das irmãs Blue, a líder, é Avery. Ela nasceu sábia e cansada da vida. Aos quatro anos, ela chegou ao apartamento dos pais no Upper West Side, depois de voltar sozinha do jardim de infância, e declarou que estava *cansada demais para continuar*. Mas ela continuou, ela sempre continua. Avery ensinou todas as irmãs a praticar o nado *crawl*, a fazer amizade com os gatos da mercearia acariciando-lhes o queixo, a embaralhar cartas sem entortar as pontas. Ela odeia a autoridade, mas ama a estrutura. Ela tem memória fotográfica; no ensino médio, Avery invadiu os registros escolares e memorizou os números de seguro social de toda a classe, e passou o restante do semestre assustando os colegas ao se referir a eles pelos seus nove dígitos.

Ela se formou no ensino médio com dezesseis anos, e concluiu a graduação na Universidade Columbia em três. Então, aos vinte e um, fugiu para entrar em uma comunidade “anárquica, não hierárquica e dirigida por consenso”, também conhecida como comuna, antes de viver por um curto período nas ruas de São Francisco, onde ela fumava e, ao final, injetava heroína. Sem o conhecimento de qualquer pessoa da família, ela se internou em uma clínica de desintoxicação um ano depois, e tem estado sóbria desde então. Mais tarde, matriculou-se em uma faculdade de direito, onde finalmente fez bom uso daquela memória.

Dizem que você não conhece seus princípios até que eles se tornem inconvenientes, e Avery é a prova disso. Ela tem princípios profundos, e, muitas vezes, inconvenientes. Talvez preferisse ter sido poeta ou documentarista, mas é advogada. Agora, com trinta e três anos, mora em Londres com a esposa, Chiti, terapeuta sete anos mais velha. Ela pagou os empréstimos estudantis e possui móveis que custaram quase tanto quanto o curso. Avery ainda não sabe, mas em algumas semanas ela implodirá sua vida e o casamento de maneiras que não considerava possíveis. Avery gostaria de ser apenas a coluna vertebral, mas ela é a carne macia também.

Dois anos depois de Avery nascer, os pais tiveram Bonnie. Ela tem a fala suave e é obstinada. Sua linguagem é a linguagem do corpo. Aos seis anos, podia andar sobre as mãos. Aos dez, fazia malabarismos com cinco tangerinas ao mesmo tempo. Ela tentou fazer balé e ginástica, mas nunca se encaixou naquela revoada de meninas flexíveis e femininas. Quando tinha quinze anos, o pai lhe comprou luvas de boxe, depois de Bonnie ter feito um buraco na parede do quarto com um soco, e então ela se encontrou. Para Bonnie, descobrir o boxe foi, provavelmente, igual ao que as outras pessoas sentem quando descobrem o sexo. Então, *essa* é a causa de todo o furdunço.

Bonnie venera o altar da disciplina. Depois de observar, em silêncio, o declínio da irmã mais velha na adolescência, ela jurou nunca tocar em uma gota de álcool. Suas drogas preferidas eram o suor e a violência. Essa atitude a levou aos Campeonatos Mundiais de Boxe Feminino da Associação Internacional de Boxe, o nível mais alto de torneio amador nesse esporte, juntamente com as Olimpíadas, no qual ela conquistou a medalha de prata na divisão de pesos-leves antes de se profissionalizar. De forma inesperada, considerando-se o esporte que escolheu, Bonnie é a mais gentil das irmãs. Ela consegue tirar o gelo da forminha sem batê-la contra o balcão. Os bebês e os cachorros confiam nela por instinto. Ela é uma péssima mentirosa. Embora seu corpo seja como uma porta de carvalho maciça, sua natureza é transparente como uma janela. Agora, aos trinta e um anos, e no que deveria ser o auge da carreira, Bonnie desistiu de Nova York e do boxe depois de uma derrota esmagadora em sua última luta. Ela foi embora para Venice Beach, em Los Angeles, onde arranhou um emprego como segurança de um boteco.

A maioria das pessoas passa pela vida sem jamais saber o que é receber um chamado, aquele que pede para sacrificar o prazer do momento pelo potencial de um sonho que pode não se realizar durante anos, se é que pode. Ele o separa das outras pessoas, quer você queira ou não. Pode ser exaustivo, solitário e cruel, mas, se for de fato o chamado, não se trata de uma escolha. Assim foi o boxe para Bonnie. E, no entanto, agora é possível encontrá-la em alguma ruela de Venice, recolhendo copos de cerveja vazios, ajudando mulheres embriagadas a entrar no carro e varrendo bitucas de cigarro, sem nenhum vestígio daquela guerreira anárquica com coração de aço que fora treinada a ser.

Os pais queriam que o próximo fosse um menino, mas depois de dois abortos espontâneos nunca comentados, eles tiveram Nicole, sempre chamada de Nicky. De todas as meninas, Nicky era a *mais* menina. Ela podia soprar uma bolha de

sabão tão grande quanto a própria cabeça. Ela ouviu pop adolescente até a idade adulta, sem ironia. Seu passatempo favorito, quando criança, era criar lagartas para se transformarem em borboletas, alimentando-as com pedacinhos de abóbora. Quando tinha dez anos, comprou o primeiro sutiã com aro, só para estar preparada. Nicky já tinha passado por cinco namorados quando se formou no ensino médio. Ela gostava de escolher as roupas para a semana com antecedência, inclusive a lingerie, para combinar. Ela podia traçar um olho de gato perfeito com delineador líquido em um táxi em movimento, sem borrar nada. Nicky sempre foi popular com os rapazes, mas ela tinha um talento especial para as amizades femininas. Ela entrou para uma irmandade na faculdade, fato que gerava zoações implacáveis das irmãs, mas ela não ligava. As irmãs estavam quase sempre ocupadas com as próprias carreiras, e Nicky, por sentir falta delas, fez das amigas uma família.

Se Avery era sensata e Bonnie era estoica, Nicky era sensível. Ela era um parque de diversões de sentimentos que nunca tentava esconder. Às vezes ela era o redemoinho extasiado de um carrossel, às vezes era o carrinho de bate-bate, às vezes era o alvo estático no estande de tiro. Ela nascera para ser mãe, mas seu corpo teve outras ideias. Depois de longos períodos de agonia, foi diagnosticada com endometriose aos vinte e poucos anos. Embora tenha morrido aos vinte e sete, ela não foi um membro natural desse clube; ela não era vocalista de uma banda e não viveu de modo tão apressado para morrer jovem. Se perguntada, Nicky teria dito que viveu uma vida extraordinariamente comum como professora de inglês do segundo ano do ensino médio, em uma escola autônoma no Upper West Side, a dez quarteirões de onde ela cresceu. Se esta parecia uma existência menor do que a de suas irmãs, ela nunca a viu assim. Amava os alunos e sonhava em ter uma família um dia. Nada na vida de Nicky foi um presságio de morte, exceto pelo fato de ela sentir muitas dores.

Um ano depois do nascimento de Nicky, os pais tentaram mais uma vez ter o tão esperado filho. Veio Lucky. Nascida em casa por acidente e em apenas quinze minutos, Lucky não perdeu tempo para estabelecer seu lugar na família. Não importa quantos anos Lucky tenha, ela sempre será um bebê. De fato, quando Nicky aprendeu a falar, ela logo proclamou Lucky *meu bebê*, e insistia em carregar aquela coisinha para todo lugar. Elas continuaram inseparáveis, mas Lucky não permaneceu pequena. Ela tem um metro e setenta e cinco. Os pais fizeram quatro tentativas até criar o que era tão procurado: a beleza feminina. Com Lucky, eles acertaram. Até os dentes dela, tortos e com caninos tão pontiagudos, dão ao sorriso uma qualidade de loba sensual. Recentemente, sem aprovação da agência, ela cortou quase todo o cabelo e o descoloriu. Agora, ela parece uma combinação de Barbie, Billy Idol e husky siberiano. Lucky estreou como modelo quando tinha catorze anos e já trabalhou no mundo todo, o que é outra forma de dizer que ela já sentiu solidão no mundo inteiro.

Quando Lucky entra em uma sala, é como se uma enguia-elétrica deslizesse em um aquário de peixes-dourados. Ela é perspicaz e secretamente tímida. Aprendeu a tocar violão sozinha enquanto morava em Tóquio e o faz muito bem, mas é muito autocrítica para tocar na frente de qualquer pessoa. Ela ainda adora jogar videogames, adora qualquer forma de fuga, na verdade. Agora, ela está sozinha em Paris. Já disse as palavras *Eu preciso de uma bebida* cento e trinta e duas vezes neste ano. É mais do que disse *Eu te amo* a vida inteira. Em seu apartamento em Montmartre, as borboletas azuis que Nicky lhe deu antes de morrer estão emolduradas e penduradas acima da cama, mas Lucky raramente dorme. Ela tem vinte e seis anos e está perdida. Na verdade, todas as irmãs remanescentes estão.

Mas o que elas não sabem é: enquanto você estiver viva, nunca é tarde demais para ser encontrada.

## CAPÍTULO UM

# Lucky

Lucky estava atrasada. Irresponsável e irreversivelmente atrasada, tanto que corria o risco de perder o emprego. Ela tinha uma prova de roupa com uma *couture maison* no Marais ao meio-dia, mas isso foi dez minutos antes, e ela ainda está a quilômetros de distância, no metrô. Ela havia passado a noite anterior em uma festa da semana da moda, aproveitando o open bar (o único tipo de bar de que Lucky gostava), onde encontrara um par de artistas de grafite, funcionários de uma empresa, que estavam ansiosos para recuperar a reputação de criativos à margem da sociedade. Eles haviam se oferecido para levá-la em uma de suas motocicletas até uma mansão abandonada, a casa de um ex-diplomata no 16<sup>o</sup> *Arrondissement*, que eles pretendiam grafitar. Lucky não era muito a favor de descaracterizar um prédio histórico com spray, mas ela sempre ficava contente ao adiar o final da noite.

O prédio contava com mais segurança do que o esperado, estava pontilhado de câmeras de vigilância e protegido por uma cerca pontiaguda e intimidadora, de modo que eles se contentaram em grafitar as persianas metálicas de uma tabacaria próxima. Os artistas do grafite optaram por slogans populares e libertários disseminados nos protestos de Paris em 1968 — *É proibido proibir!* —, enquanto Lucky preferiu uma representação clássica de um pênis e das bolas. Eles assistiram ao nascer do sol das escadarias do Palais de Tokyo, bebendo as garrafas de Veuve

Clicquot rosé que haviam surrupiado da festa, e então voltaram ao apartamento de Lucky para fumar um baseado. Depois de uma tentativa previsível de um dos homens de começar um *ménage à trois*, Lucky sugeriu que eles deixassem a mulher de lado e transassem só os dois, antes de desmaiarem completamente vestidos na cama dela. Ela acordou várias horas depois no apartamento vazio, que, felizmente, não havia sido saqueado, quando recebeu uma mensagem ousada do agente lembrando-a de lavar o cabelo antes da prova de roupa de hoje.

Era também o aniversário de um ano da morte de Nicky.

Enquanto o trem se aproximava, Lucky checkou o telefone e viu uma ligação não atendida e uma mensagem de voz de Avery, que estava, sem dúvida, em uma missão para fazê-la “processar” os sentimentos desse dia, além de um e-mail de aspecto formal enviado pela mãe, que ela ignorou prontamente. Ela sentia falta do metrô de Nova York, com sua imundície, previsível imprevisibilidade e falta de sinal de celular; o metrô de Paris era de uma eficiência quase agressiva, e os celulares estavam sempre acessíveis, mesmo embaixo da terra. Aqui, não havia onde se esconder. Sem ouvir a mensagem de Avery, Lucky pôs o telefone de volta no bolso. Ela não tinha se encontrado com ninguém da família desde o enterro de Nicky um ano antes. Naquela noite, um vento quente e forte varreu a cidade, virou mesas de restaurantes e fez latas de lixo rolaem pelas avenidas, rompeu a fiação elétrica e quebrou galhos de árvores no Central Park. E dispersou Lucky e as irmãs para os quatro cantos do mundo, sem nenhuma intenção de voltarem para casa.

Agora ela estava quinze minutos atrasada. Na pressa de sair, tinha esquecido os fones de ouvido, um descuido que estragaria seu dia inteiro. Em geral, Lucky não conseguia andar mais de um quarteirão sem enterrá-los nos ouvidos para formar uma proteção musical entre ela e o mundo. Mas ela havia saído porta afora em tempo recorde, ajudada pelo fato de não ter tomado o café da manhã habitual,

composto de um Marlboro vermelho e um ibuprofeno, e de ter saído de casa com as roupas com que havia acordado. Discretamente, ela cheirou a camiseta. Um cheirinho de cigarro, de suor, mas, no geral, não tão ruim.

— *Je voudrais te sentir.*

Os olhos de Lucky saltaram para o homem sentado à sua frente, e que acabara de falar. Ele tinha o rosto tenso como o de um roedor, de uma presa, mas seus olhos eram os de um perfeito predador. Nas mãos, ele segurava uma garrafa grande de água Volvic, apoiada na virilha e apontada para ela. Ele estava sorrindo.

— O quê? — ela perguntou, embora não tivesse nenhuma vontade de saber o que aquele homem havia dito, nem de falar nada com ele.

— Ah! Você é americana!

A pronúncia dele era tipicamente francesa — com ênfase na última sílaba.

— Sou.

Lucky fez um aceno de cabeça e pegou o telefone de novo, tentando demonstrar desinteresse.

— Você é bonita — ele disse, inclinando-se em direção a ela.

— Hum, obrigada.

Ela continuou com os olhos grudados no telefone. Pensou em mandar uma mensagem de texto para o *booker*, para dizer que já estava a caminho, mas desistiu. Isso só tornaria o atraso mais real. Seria melhor aproveitar o conforto desse período de limbo enquanto fosse possível, antes que soubessem que ela estava estragando tudo de novo.

— E tão alta — o homem continuou.

Em uma Levi's vintage escura e uma camiseta *cropped* preta, Lucky era, de fato, tão reta e longa quanto um ponto de exclamação. Ela curvou os ombros para que ele pudesse vê-la menos, e com isso virou um ponto de interrogação.

— *Mon Dieu!* — ele exclamou, baixinho. — *T'es trop sexy.*

Ela deveria se levantar e sair. Deveria mandá-lo ir se foder. Deveria pegar a garrafa de água dele — o falo imaginário, triste, grande e babaca — e esmagá-lo entre as mãos. Em vez disso, ela apontou para o telefone.

— Olha, eu só...

Ela franziu a testa e apontou para a tela para indicar que estava fazendo uma ligação. Ela rolou a tela de contatos com pressa. Mas para quem poderia ligar? Na verdade, ela não queria falar com ninguém. Por força do hábito, procurou pelo nome de Nicky e apertou o botão de discagem. Todas faziam parte do plano familiar que Avery pagava; ela imaginou que Avery tinha decidido se poupar da angústia de cancelar o número de Nicky e simplesmente continuou a pagar a parte da irmã. Lucky não sabia onde o telefone de Nicky estava agora; desligado em uma gaveta em algum lugar, ela imaginou, mas ficou grata por ainda ter o número. A voz da irmã preencheu-lhe o ouvido.

*Você ligou para Nicky, deixe uma mensagem após o sinal. Divirta-se!*

Nicky estava dando uma risadinha, constrangida por estar sendo gravada. Ao fundo, bem baixinho, Lucky podia ouvir a si mesma rindo, vários anos mais nova e alheia à perda que o futuro lhe reservava.

— Eu adoraria te conhecer — o homem insistiu.

— Estou no telefone — Lucky disse.

— Ah, *d'accord*. — O homem inclinou-se para trás, mostrando a palma das mãos em um gesto ridículo de galanteio. — Falamos depois.

Não era a primeira vez que ela ligava para Nicky desde que a irmã morrera; a necessidade de falar com ela e contar como ia a vida sem sua presença era constante. Ligar para Nicky fazia com que ela se sentisse como um amputado que, acreditando ainda ter a perna, sempre tenta ficar em pé.

— Oi, sou eu — Lucky começou quando ouviu o sinal. — Eu... Bem, eu só liguei para dar um oi.

Ela olhou para o homem, que nem tentou fingir que não estava ouvindo.

— É a semana da moda aqui, então as coisas estão meio frenéticas, como sempre, mas eu quis ligar porque... Hum, é um dia importante para você, eu acho. Um ano! Nem posso acreditar. Então, é, eu só liguei para dizer... Não foi para dar parabéns, é óbvio. Não é, tipo, a porra de uma comemoração. Mas eu queria que você soubesse que estou pensando em você. Estou sempre pensando em você. E sinto sua falta. É óbvio. — Lucky limpou a garganta. — Então é isso. Eu te amo. — Lucky esperou para ver se ia sentir alguma coisa, alguma mudança energética no cosmos para que soubesse que a irmã estava ouvindo. Nada. — E também, a Avery anda bem chata. Tchau.

Ela desligou e espiou pela janela. Já estavam quase em Saint Paul, a estação dela. Quando se aprumou para ficar em pé, o homem tocou-a no braço. Ela deu um pulo, como se ele tivesse encostado um fósforo aceso na pele.

— Pode me dar o seu número?

O trem diminuiu a velocidade ao chegar à estação, e Lucky tropeçou. Ele sorriu ao vê-la perder o equilíbrio. Os dentes dele estavam manchados de marrom por causa do tabaco.

— Você é tão sexy — ele disse.

Lucky olhou para o homem, que a observava com uma alegria possessiva, como se estivesse escolhendo um doce em uma vitrine. A garrafa de água apoiada na virilha dele ainda apontava para ela.

— Posso? — ela perguntou, apontando para a garrafa. O trem parou.

— Isto? — ele indagou, confuso, e entregou a garrafa de plástico. — *Mais bien sûr.*

Ela pegou a garrafa das mãos do homem, desenroscou a tampa e jogou a água restante no colo dele. O homem levantou-se e gritou enquanto uma mancha escura crescia no jeans. Lucky correu para a saída e acionou a alavanca prateada,

aquele curioso objeto de controle exclusivo do metrô de Paris, e as portas do trem se abriram. Da plataforma, ela podia ouvir chamando-a de puta enquanto os passageiros entravam no trem. Ela subiu as escadas de dois em dois degraus e emergiu na luz do sol.

Na Place des Vosges, arcadas de pedra pairavam acima de Lucky enquanto ela corria para o endereço que o *booker* tinha enviado. Dois velhos que estavam fumando, e usavam *trench coats* verde-oliva, viraram-se para vê-la passar. Ela tocou a campainha e passou por uma porta azul de madeira descascada que levava ao pátio. Do outro lado havia uma escadaria alta, em espiral; suas botas pesadas reverberavam entre as paredes de pedra enquanto ela subia de andar em andar, parando em cada patamar para tomar fôlego. O hábito de fumar um maço por dia, iniciado quando era adolescente, a deixara inapta para esse tipo de atividade. Finalmente, ela se arrastou agarrada no corrimão até o último andar. Uma mulher com o cabelo bem preso em um coque escuro e uma fita métrica pendurada no pescoço estava em pé à porta, esperando por ela.

— Estou atrasada, eu sei. — Lucky estava ofegante. — *Je suis désolée.*

— E você é? — a mulher perguntou, com voz aguda.

— Lucky. — Ela suspirou. — Blue.

— Loo-key? — a mulher repetiu, consultando sua prancheta. Atrás dela, Lucky podia ouvir o zumbido laborioso das máquinas de costura. — Você não está atrasada. Na verdade, está bem adiantada. Sua prova é às duas.

Lucky colocou as mãos no joelho e expirou.

— Eu achei que era ao meio-dia.

— Deve ter se enganado. Por favor, volte às duas. *Ciao!*

Com um clique autoritário, a porta se fechou na cara dela. Lucky resistiu ao impulso de desabar ali mesmo e dormir na soleira da porta, como um gato das

redondezas, até que chegasse sua vez de ser vista. Devagar, ela se arrastou escada abaixo.

Sem mais nada para fazer, Lucky perambulou pelas ruas ensolaradas do Marais em busca de algum lugar para tomar um drinque. A adrenalina de sua vingança Vólvia e da subsequente corrida até a prova de roupa estava passando, e revelava o início do que prometia ser uma ressaca brutal se ela não desse um basta logo nas bebidas. Era início de julho e, apesar do tempo agradável, um ar de inquietação impregnava Paris naquele verão. Uma greve geral e o resultante congestionamento adensaram o ar com uma nuvem de poluição, e uma enxurrada de fachadas no metrô e nos bairros residenciais resultou na forte presença da polícia nas ruas. No entanto, o Marais, com suas butikues, bares lotados e cafés barulhentos, estava alegremente afastado de tudo aquilo.

Lucky ouviu a voz de uma mulher chamando seu nome do outro lado da rua; ela se virou e viu sua amiga Sabina, uma ruiva francesa e colega modelo cujo corpo Lucky já tinha ouvido ser descrito como “cem quilômetros de estrada boa”, sentada na parte externa de um café junto com dois modelos. Ela acenou para Lucky.

— Só poderia ser a Pollyanna punk — disse o mais alto dos homens, Cliff, enquanto ela se aproximava.

Cliff era um ex-surfista australiano que desfrutava de certa notoriedade nessa temporada, por ter caminhado em uma passarela em Milão vestindo nada além de uma tanga dourada. Apesar disso, era impossível objetificá-lo; a força absoluta de seu ego não permitiria. Essa característica, e a informação de que ele sempre poderia desistir da moda e voltar para a vida de pegar ondas e morar em uma van, significava que ele parecia totalmente livre de conflitos quanto à sua atual escolha de carreira, ao contrário de Lucky, cuja beleza era tanto uma fonte de renda quanto de vergonha. Lucky nunca tinha feito nada além de ser modelo, o que lhe

dava a sensação de nunca ter feito nada. Ela não admitiria em público, mas invejava a liberdade de Cliff.

— *Ciao*, Bolas Douradas — ela disse ao tirar um cigarro do maço diante dele e segurá-lo entre os lábios. — Eu não te reconheci usando roupas.

O outro modelo, um americano com cara de bebê que Lucky não reconheceu, riu e inclinou-se para acender o cigarro dela. Ele tinha a coloração de um golden retriever e o mesmo desejo aparentemente indiscriminado de agradar. Os homens tinham copos grandes de cerveja à sua frente, enquanto Sabina girava uma tacinha de vinho branco sem prová-la. Lucky acenou para o garçom e pediu uma cerveja antes de se sentar.

— Oi, eu sou Riley — o mais jovem se apresentou.

— Preciso de uma bebida — Lucky disse, e recostou-se para mostrar uma faixa pálida do abdômen.

— Esta é a Lucky — Sabina falou. — *Ma soeur*.

Lucky confirmou com um vago aceno de cabeça. Sabina tinha a tendência típica de filha única de recrutar os amigos como membros da família; na verdade, elas não se conheciam muito além de saber das campanhas recentes e das bebidas favoritas.

— Você é americana! — Riley disse. Ele tinha um sotaque suave do sul, que fazia cada vogal soar como se estivesse enrolada em algodão. — Eu queria mesmo encontrar um americano hoje. — Ele ergueu a cerveja. — Feliz Quatro de Julho.

Lucky exalou a fumaça em uma coluna estreita em direção ao céu.

— Eu não celebro isso — ela comentou.

Neste ano, no ano que vem, todos os anos do resto da sua vida, Quatro de Julho seria sempre apenas o dia em que Nicky morreu. Riley franziu a testa.

— Mas você é americana, não é? — ele perguntou.

— Nova York — ela respondeu. — Então sou mais ou menos.

— Mas agora você mora em Paris — Sabina disse —, o que significa que você terá que celebrar o Dia da Bastilha.

— Quando é? — Cliff quis saber.

— De fato, só na semana que vem — Sabina disse.

— Julho é o mês de lutar contra a tirania — Cliff afirmou.

— Bem, eu sinto falta — Riley disse. — Nunca fiquei fora do país em um Quatro de Julho antes. Meu pessoal sempre faz o maior churrasco.

— Lamento informar — Sabina começou —, os franceses não fazem churrasco. — Ela pousou a taça com um movimento rápido. — Não consigo beber isto. Ainda estou com a dor de cabeça de hoje cedo. Por que insistem em servir champanhe nos bastidores antes do café da manhã?

— Porque é a única coisa que vocês, garotas, aceitariam — Cliff disse. — Como é mesmo o ditado? Champanhe, cocaína e sexo casual, baby.

Sabina o ignorou por completo. Ela olhou para o céu, que estava ficando de um tom cinza anêmico.

— Parece que vai chover, *non?*

— Ah, cara — Riley lamentou. — Minha próxima apresentação é ao ar livre.

— A minha também — Lucky comentou.

— Minha primeira semana da moda, e vai chover — ele disse, decepcionado.

Com uma voz surpreendentemente afinada, Cliff começou a cantar o refrão de “Ironic”, da Alanis Morissette. *It's like raaaaain on your wedding day.*

— Estamos falando de *haute couture* — Sabina disse. — *La crème de la crème.* Acredite, eles não vão deixar você se molhar.

— Você quer dizer molhar as roupas — Lucky corrigiu, e se virou para Cliff. — De toda forma, o que você estava dizendo sobre as modelos? Não é como se vocês, homens, fossem paradigmas de saúde e moderação. — Ela tocou o copo de cerveja quase vazio de Cliff.

— Nós damos aguentamos o porre, ao contrário de muitas de vocês. — Ele apontou para ela. — Se você não come, não deveria beber.

— Eu como — Lucky rebateu, pegando a cerveja que acabara de ser colocada à sua frente. — Então eu posso beber.

Cliff riu e pediu outra rodada.

— Qualquer coisa que você faça, eu posso fazer melhor — ele cantou.

— Aposto que aguento mais do que você — Lucky disse.

Cliff ergueu a cerveja e tomou o último gole.

— Quer ver?

...

Uma hora e cinco cervejas depois, Lucky estava prestes a contar a história mais hilária de sua vida. A tristeza da manhã, que a recobria como fuligem, estava sendo lavada a cada nova rodada.

— Então, eu tinha dezenove anos e estava morando em Tóquio — ela disse. — Era divertido, mas eu também estava sendo um pouco irresponsável, sabe como é, dormindo tarde, perdendo compromissos, praticamente tudo o que você *não* deve fazer quando está começando.

Nessa hora, Lucky apontou para Riley e ergueu uma sobrancelha em advertência.

— Parece ser aquele momento do faça o que eu digo, não o que eu faço — Cliff observou. — Já que tenho certeza de que você ainda faz tudo isso, Lucky.

— Ei, você não precisa me ensinar — Riley retrucou. — Tenho vinte e três anos. Eu sei o que faço.

— Eu também! — Sabina exclamou. — Na verdade, tenho vinte e três já faz três anos.

Lucky riu e tomou outro gole de cerveja.

— Minha agência estava ameaçando me dispensar, mas de repente, do nada, consegui uma campanha. Era para uma marca comercial barata, mas ainda assim dinheiro, dinheiro, dinheiro. agente me ligou e disse: “Lucky, se você chegar um minuto atrasada para essa gravação, nós vamos demiti-la. Um minuto”.

— Eu sei o que aconteceu — Riley disse. — Você se atrasou e foi demitida, mas mesmo assim se tornou uma modelo famosa e importante.

— Você acha que ela é famosa? — Sabina suspirou. — Mais famosa do que eu?

Riley olhava para uma e para a outra.

— Não, quer dizer, si-sim — ele gaguejou. — Quer dizer, eu não sei. Vocês duas são lindas.

— Ela está brincando — Lucky garantiu.

— Não está, não — Cliff respondeu. — De qualquer forma, sou mais famoso do que vocês duas.

Sabina franziu o nariz para Cliff.

— Nenhum de nós é famoso — Lucky disse. — Mas, enfim, de volta à história. Na noite antes da gravação, fui para a cama cedo, determinada a acordar na hora. Mas estava morando em um apartamento de modelos em Shibuya, que era bem pouco diferente de um bordel. Então, eu estou lá, deitada na cama, tentando ser boazinha, quando um bando de meninas invade o quarto e diz: “Tem uma cerimônia de estreia em Harajuku, e aquele ator maluco e gostoso que fez o papel de caubói, astronauta ou coisa parecida que foi vencedor do Oscar do ano passado vai estar lá, uma de nós tem que transar com ele, calce os sapatos, nós vamos sair”. E, sei lá, não tenho força de vontade, então fui, juro por Deus, para tomar só um copo.

Lucky parou para tomar o resto da cerveja, e então fez sinal para o garçom trazer mais uma.

— E o que aconteceu? — Cliff perguntou. — Por favor, diga que você foi demitida.

Lucky arrotou satisfeita e sorriu.

— Pior. Fiquei na festa a noite inteira.

— E o ator? — Sabina quis saber.

— Foi agarrado por uma russa.

Sabina fungou.

— Típico.

— Eu acordei de manhã e, é lógico, uma hora atrasada para o compromisso. Vocês já perderam a hora para um trabalho?

— Eu quase perdi os exames finais porque minha mãe não me acordou na hora certa — Riley disse, sério.

Lucky fez um sinal de cabeça.

— Então você sabe como é.

Ela decidiu omitir o fato de que também estava se recuperando de uma combinação de ecstasy, pó de anjo e cocaína, todos reconhecidos como bem difíceis de encontrar no Japão. Mas Lucky, que era como um cão farejador para drogas em festas, havia conseguido.

— Minha agente já tinha me ligado umas quinze vezes quando eu acordei — ela continuou. — Retornei a ligação, e ela exigia saber onde eu estava e por que não atendia. Em um piscar de olhos, disse a ela que tinha acordado com conjuntivite. E que eu não atendi o telefone porque não estava conseguindo *enxergar* nada. Ridículo, eu sei, mas eu não estava funcionando a todo vapor.

Cliff zombou dela.

— Ela acreditou em você?

— Lógico que não. Ela me disse que precisava de um atestado médico confirmando minha infecção, ou a agência me mandaria embora e eu teria que

voltar para Nova York. Pensei, foda-se! Mas, óbvio, eu estava em pânico. Decidi que só tinha uma coisa a fazer: arranjar uma conjuntivite e consultar um médico.

— Espera um pouco — Sabina interrompeu. — O que é conjuntivite? A gente pega durante o sexo?

Riley, que estava tomando um gole da bebida, quase se engasgou.

— Só se o cara errar a pontaria — Cliff disse.

Lucky deu-lhe um tapinha por cima da mesa e cobriu os olhos para mostrar a Sabina o que ela queria dizer.

— Ah, *conjunctivite!* — Sabina disse. — *Je comprends.*

— Você não conseguiu deduzir? — Cliff perguntou. — São palavras quase iguais.

— *Shhh.* — Sabina fez. — Pare de me paquerar.

— Enfim — Lucky disse —, meu plano era pôr a mão em toda a sujeira que eu pudesse ver e depois tocar nos olhos. É lógico que, como Tóquio é famosa pela limpeza, não seria uma tarefa fácil. Por sorte, eu estava morando com doze modelos bem nojentas. Gordura na mesa da cozinha? Ótimo. A tampa do vaso sanitário? Perfeito! O traseiro de um dos cachorrinhos feios delas? Certo, vou fazer um carinho.

— Nojento! — Riley gritou, visivelmente encantado.

— Eu cheguei no médico e, meus olhos, como vocês podem imaginar, estavam bem vermelhos. Ele mal olhou para mim. “Do que você precisa?” Disse que precisava de um atestado para o meu trabalho. Ele me entregou um pedaço de papel e fui embora. Fácil assim. Liguei para minha agente e avisei que tinha o atestado. “Ótimo”, ela disse, “mas eu sempre soube que estava mentindo, então falei para o cliente que você estava viajando e o seu voo tinha atrasado. Eles disseram que você pode vir amanhã”. Então foi um final feliz, certo? Naquela

noite fui dormir na hora certa. Acordei bem cedo e... tinha uma infecção nos olhos.

— *Mais non!* — Sabina esbravejou.

— *Mais oui*, filha da mãe! — Lucky gritou.

Duas mulheres francesas de meia-idade que estavam em uma mesa próxima olharam para ela e franziram a testa. Lucky acenou para elas com alegria.

— Então, basicamente — Cliff disse —, você se fodeu.

— Exato. Meus olhos estavam muito vermelhos e inchados. Não pude participar do ensaio. Perdi o cliente.

— A agência te demitiu? — Riley perguntou.

— Quase. — Lucky assentiu com a cabeça. — Eles me suspenderam. Mas, algumas semanas depois, encontrei o editor da *Vogue Japan* em uma festa. Você sabe que ele tem o maior senso de humor, e eu contei a história pra ele. Ele gostou tanto que acabou me contratando algumas semanas depois. Ele meio que lançou minha carreira editorial.

— Você é foda, tem a maior sorte — Cliff comentou, balançando a cabeça.

— Lucky é que nem gato — Sabina observou. — Ela tem sete vidas.

— Os seus pais sabiam o que estavam fazendo quando te deram esse nome de sortuda — disse Riley.

— Meus pais não sabiam merda nenhuma — Lucky retrucou, e acendeu outro cigarro. — Ainda não sabem.

O silêncio pairou sobre a mesa. Com o final da história, a maré escura da tristeza que ameaçava dominá-la a todo momento retornou. Ela não queria pensar nos pais, em Nicky, em nada além dessa mesinha do café, mas sua família estava sempre lá, pronta para tomar a dianteira na sua mente.

Suas irmãs eram mais dispostas a perdoar, no entanto Lucky sabia que o pai delas era mau. Com certeza, elas não eram as únicas. Na sua vida inteira, ela

provavelmente encontrara só um punhado de gente que tinha pais bons. Todos eram estranhos. As crianças que cresceram com pais amorosos tinham a mesma suavidade no olhar sonhador que as crianças criadas em lugares como Malibu, naquelas casas com a eterna luz do sol. Elas nunca precisaram endurecer. Lucky tinha uma teoria segundo a qual ter um pai mau era como crescer em um lugar onde o inverno é longo e severo. É o tipo de coisa que te deixa casca grossa. E também te prepara para a realidade de que o verão é uma estação, não um estilo de vida, e que a maioria dos homens vai lhe magoar se eles tiverem uma chance. Ou talvez fossem só as pessoas que cresceram com pais ruins que acreditavam nisso.

O engraçado sobre o pai delas é que ele não era uma pessoa fria, ou, pelo menos, nem sempre. *Inconstante* é como ela o descreveria. Instável como o clima. E, assim como o clima, era preciso verificar regularmente para saber que tipo de dia elas teriam. Lucky e as irmãs podiam dizer como estava o humor do pai pelo jeito que ele fechava a porta da frente. Assim como não se faz um piquenique sob uma chuva de granizo, não se podia fazer certas coisas com um pai furioso. Nada de brigas pelo controle remoto, nada de conversas em voz alta com os amigos ao telefone, nada de choro por causa de uma nota baixa, nada de risos por uma piada tonta, nada de choramingos com a mãe por estarem com fome. Ele era o único homem na casa, mas também *era* a casa. Elas moravam dentro do estado de espírito dele.

Lucky herdou dele os olhos azuis e o cabelo claro, embora ela gostasse de pensar que as semelhanças terminavam aí. Ele era da terceira geração de escoceses-americanos, com aquele tipo de infância povoada de freiras católicas, que, nas palavras dele, fariam qualquer indivíduo se tornar um bom ateu. Ele adorava ler, e manteve o hábito de um livro por semana mesmo nos anos de bebedeira, mas sua verdadeira religião eram os esportes. Futebol, boxe, golfe, ciclismo — ele assistia de tudo. Assim como Bonnie, ele ficava em casa mais com o corpo do que com a

mente. Ele deveria ter sido atleta profissional, e até foi para a faculdade com uma bolsa de estudos por conta do futebol americano, mas o rompimento de um tendão fez com que aceitasse um emprego em um banco regional depois da graduação, no qual ele trabalhou pelo resto da vida. Não importava o quanto estivesse embriagado, ou com que frequência, sempre ia trabalhar no horário certo. É por isso que a mãe delas nunca conseguiu admitir que ele tinha um problema. Que tipo de alcoolista fica no mesmo emprego durante todos esses anos? O delas ficou.

Foi fácil para Lucky dizer que elas tinham um pai ruim. Mais difícil foi ela admitir que a mãe também não era nenhuma maravilha. Ela crescera em uma propriedade em ruínas em Sussex, filha única de uma mãe depressiva e um pai bêbado e perverso, ou seja, aquela combinação britânica típica da classe alta completamente falida — refinada, mas não abastada, como a mãe costumava dizer. O avô já havia desperdiçado a maior parte da herança quando a mãe delas chegou à adolescência. Mesmo depois de conhecer e se casar com o pai delas, a mãe mantinha um desprezo profundo e permanente pelo sistema de classes britânico do qual ela escapara.

Havia muito sobre a vida da mãe que ela não sabia, mas o que Lucky sabia de fato era que ela escapara daquela casa infeliz em que havia crescido, daquele país desgraçado, como ela o chamava, assim que pôde. Ela aterrissou em Nova York e começou a trabalhar em uma galeria no centro da cidade. Naquela época, a mãe tinha o cabelo ruivo e sedoso, que chegava até a cintura, e um belo rosto em formato de tulipa. Ela afirmava que havia sido contratada principalmente para ficar na vitrine de minissaia e atrair homens ricos para dentro da galeria, mas que tinha o olhar perspicaz para jovens artistas também, e convencia os superiores a comprarem as primeiras obras de pintores que hoje são famosos no mundo todo.

Se a mãe não tivesse tido filhos, Lucky tinha certeza de que ela teria se tornado diretora de uma galeria ou curadora famosa, mas ela saiu da galeria depois que Avery nasceu. Então, quando Avery tinha quinze anos e Lucky, oito, a mãe voltou a trabalhar como monitora em um museu e encarregou a mais velha de cuidar das outras. Alegava que a família precisava do dinheiro, o que era verdade, mas ela provavelmente ganhava menos por hora do que qualquer uma das filhas poderia ganhar como babá. O fator principal é que ela estava cansada de ser mãe, papel que Avery assumiu estoicamente. Lucky odiava admitir, mas Avery era um mãe melhor do que a maioria das pessoas já teve, o que não significa que ela tinha qualquer plano de retornar a ligação naquele dia.

Lucky bateu as cinzas do cigarro na bandeja recortada e suspirou. Ela queria encontrar um alçapão na mente e desaparecer, chegar a um lugar onde as lembranças não pudessem alcançá-la, e ela só sabia um jeito de fazer isso. Ela empurrou o copo vazio de cerveja para longe e lançou seu sorriso de loba para os amigos.

— Vamos beber alguma coisa mais forte?

...

Lucky percorreu o caminho de volta para o ateliê por ruas cinzentas como pombos, desfocadas como pinturas impressionistas diante dos seus olhos. Ela tinha pensado vagamente em transar com Riley no banheiro, mas ele parecia ser do tipo que se apega, então tomou a decisão extremamente responsável de ir para a prova de roupa e chegar na hora. Ela se desviou de um cachorro e tropeçou; as pontas dos dedos afagaram a calçada, e ela logo se aprumou. Lucky estava só um tantinho bêbada. Ela era forte para bebida mais do que qualquer homem, pensou com satisfação. Com certeza mais do que Cliff, que ela deixou cantando uma versão emotiva à capela de “Imagine”, do John Lennon, para uma Sabina confusa.

Quando Lucky abriu a porta azul de madeira descascada, o pátio anteriormente quieto estava agitado. Uma passarela longa e branca havia sido montada no centro do pátio de paralelepípedos, ao redor da qual os trabalhadores estavam ocupados desempilhando cadeiras, instalando cabos e preparando o fosso dos fotógrafos. Lucky sentiu a colisão estranha dos mundos que, combinados, criavam o negócio da moda; essa multidão trabalhadora de assistentes faria proezas hercúleas nas próximas horas, e então se fundiriam com o segundo plano, como se nunca tivessem estado ali, para que Lucky, vestida de seda, e sua turma pudessem flutuar sobre um mar de espectadores, trajando as obras deles.

Ela circunavegou um homem que carregava uma torre tão alta de cadeiras que poderia muito bem ser um número de circo, e subiu outra vez a serpentina estonteante da escada em espiral. Tudo estava girando quando ela entrou no ateliê abafado. Uma onda quente de transpiração humana tocou-lhe as narinas. No teto, um ventilador de madeira girava sem eficiência, movimentando, mas não dissolvendo, o calor da sala. Uma mulher empurrando uma arara lotada de vestidos de tafetá cor de limonada quase esbarrou em Lucky, mas não olhou para ela.

Lucky sentiu a cabeça rodopiar no ritmo do ventilador. Ela foi até a janela e se debruçou, respirando profundamente. O ateliê tinha vista para o pátio, e Lucky concentrou a atenção na careca do homem que polia a passarela branca e brilhante abaixo dela. Ela estava tentando parar o giro da cabeça enquanto fixava o olhar na dele.

— Será que vai chover?

Lucky se virou e viu a estilista de antes, com o coque apertado e a fita métrica pendurada.

— Estamos todos preocupados com a chuva — a estilista esclareceu, tirando um alfinete prateado da boca.

Lucky colocou a cabeça para fora da janela e inspecionou o céu. Estava cinza à esquerda e azul-pálido à direita.

— Meio a meio — ela disse.

As palavras pareciam pedaços de fruta imprecisos na boca. A estilista enrugou de leve a testa.

— *Alors*, venha por aqui, por favor.

Lucky foi conduzida a um canto ainda mais quente da sala, onde seu traje estava suspenso em um cabide de veludo com uma polaroide dela colada no gancho. Era um vestido de festa com decote careca e saia ampla, no formato de uma taça de martíni de cabeça para baixo. O tecido era de um rosa palidíssimo de confeitaria, como a parte inferior da pata de um gato. Atravessando o corpete drapeado artisticamente, uma rede de miçangas prateadas caía pesada com flores de cerejeira brilhantes. A estilista olhou para Lucky.

— Só o *appliqué* demorou trezentas horas — ela disse.

Mas Lucky estava ocupada demais, tentando tirar o jeans sem se ajoelhar, para responder. Ela conseguiu tirá-lo, assim como a camiseta, e ficou se movimentando só de lingerie, com o constrangimento logo exaurido pelos anos de trabalho como modelo. Qualquer que fosse a reação sonora de agrado que a estilista esperava de Lucky, ela não iria acontecer. Ainda usando as meias sujas, ela entrou no vestido rígido e sentiu ser enganchada pelas costas, o corpete esmagando as costelas e espetando na cintura.

— Lindo, não? — A costureira suspirou lá do seu posto de trabalho. — Parece uma princesa.

Lucky deu um arrote suave.

— Os designers logo estarão aqui para a supervisão — a estilista informou. — Mas, antes, vou verificar o ajuste.

— Posso tomar água? — Lucky resmungou.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "As irmãs Blue"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).